

Reverter a inflação com plano ou sem ele

O presidente Itamar Franco negou com irritação que haja um Plano Carnaval, anunciado pela Folha de S. Paulo. Para mostrar que não há nada cancelou a reunião prevista para o dia 16, quando seriam examinadas medidas de governo na área econômica. Aliás, tomou posse ontem a ministra do Planejamento, Yeda Crusius. Por acaso ela tinha falado um dia antes que haveria um plano, que certamente não é o Plano Carnaval. Ela falou também na hipótese de explorar as condições existentes no país para que a inflação caia para 15% ou 10%. Quem sabe, esse é o seu plano? A ministra reforça o otimismo de setores do governo ao aludir, como fatores de uma possível reversão, ao aumento de consumo e ao aumento do nível de atividade econômica.

O ministro Paulo Haddad também vem trabalhando nas medidas que se seguiriam à aprovação final do ajuste fiscal e à melhoria da credibilidade do governo que disso adviria. Essas medidas não constituiriam propriamente um plano, é o que se sabe agora, nem carecem ser debatidas num pleno ampliado. Nos despachos presidenciais com o ministro da Fazenda as coisas poderão tomar corpo e os projetos de lei ou de decreto que se fizerem necessários brotarão normalmente. Nada de reuniões que excitam a bolsa e a especulação. Itamar não quer que isso volte a acontecer.

Se a inflação pula de patamar e se o presidente não quer ficar de braços cruzados diante disso, é natural que seus ministros se mobilizem para enfrentar a situação, tanto mais quanto eles acreditam que podem fa-

zê-lo. Se isso se puder fazer sem planos tanto melhor, embora haja no governo um ministério cuja função parece ser a de fazer planos e a economista que o ocupa desde ontem tem fê nas condições de reversão. Mas sem momices ou carnava-ladas algo deverá ser feito para evitar que retorne a ameaça de pânico que antecede as expectativas de hiperinflação.

O governo de Itamar Franco, entre outras limitações, tem a do tempo de que dispõe para governar. E tempo ainda atropelado pela incidência de acontecimentos que por si mesmos afetam a normalidade da vida do país. A 21 de abril, como se sabe, estaremos com o plebiscito. Para realizá-lo, já em fevereiro, depois de eleitas as mesas da Câmara e do Senado, a pauta política será dominada pela campanha de parlamentaristas e presidencialistas. O presidente não quer envolver-se na disputa e para que assim entendam recebeu no Palácio parlamentaristas, presidencialistas e até monarquistas, na pessoa do deputado Cunha Bueno.

A isenção do presidente poderá, todavia, não ser fator de tranquilidade propiciado pelo governo para o plebiscito. Se a inflação aperta não há como conter o desejo de mudança. O eleitorado haverá de sentir a necessidade de contribuir para mudanças tanto mais profundas quanto mais se agravar a inflação. Se a taxa superar os 40% poderá dar até, quem sabe, a monarquia. O país somente terá condições de tomar uma decisão tranqüila e madura se não for sacudido por uma excessiva alta dos preços e a conseqüente deterioração das rendas.

A mudança da cédula

Os presidencialistas Marco Maciel, Darcy Ribeiro, Esperidião Amin e Paes Landim, os parlamentaristas José Richa, Pedro Simon e Nelson Jobim e o monarquista Cunha Bueno foram recebidos em conjunto pelo presidente Itamar Franco, que os atenderá vetando a cédula constante do projeto aprovado pelo Congresso. Itamar lembrou, no entanto, que o TSE poderá fazer uma cédula ainda mais confusa. "Fique tranqüilo, presidente, pior do que está é

impossível", disse o senador Esperidião Amin.

O senador Maciel informou ao presidente que o consenso dos blocos refere-se apenas à cédula. Os presidencialistas pensam impugnar na Justiça outros aspectos da nova lei e se o fizerem isso não significará quebra do consenso limitado à cédula. Ontem, no gabinete do líder do PFL, Maciel e Oréstes Quêrcia, com assessores, se reuniram para definir as objeções do bloco presidencialista à lei de regulamentação do plebiscito.

O comando do PMDB

O PMDB escolheu ontem, entre os senadores Humberto Lucena e Ronan Tito, seu candidato a presidente do Senado. Em seguida escolheu o líder da bancada. Contrariando a tradição dos líderes de governo que sempre pretendem refor-

çar sua posição tornando-se também líder da bancada, o senador Pedro Simon não disputou a liderança do partido, alegando não ser possível servir a dois senhores. Ficou-se sabendo que Itamar não é o senhor da bancada do PMDB.